

MEU CIENTISTA FAVORITO AO LONGO DE DUAS EDIÇÕES: COMO UM PROJETO DE ENSINO PODE GUIAR A ESCOLHA PROFISSIONAL DE UM DISCENTE

THOMÁS DA LUZ RODRIGUES¹; MARLA PIUMBINI ROCHA²; RAQUEL LÜDTKE³

¹Universidade Federal de Pelotas – tho.l.rodrigues@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marlapiumbinirocha@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – raquelludtke28@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde muito cedo o que nos move são perguntas, a pergunta do “por quê?” talvez seja a mais repetida durante a infância e a mais importante durante a vida. Perguntar e buscar respostas é o que faz um cientista, mostrar os caminhos para encontrar essas respostas e ensinar a pensar em novas perguntas é o que faz um professor, duas profissões igualmente fascinantes. Brincar de ser professor, brincar de ser cientista é uma atividade fundamental no processo de aprendizagem na primeira infância, uma vez que o lúdico é parte constituinte da assimilação de conhecimento e concretização da aprendizagem (PIAGET, 1998).

Na vida adulta, o ato de brincar deixa de ser bem visto pela sociedade e dessa fase em diante é necessário se profissionalizar, muitas vezes, isso é feito a partir do que o sujeito escolheu ainda quando criança, outras vezes, ele vai descobrindo ao longo da vida adulta o caminho que quer seguir. Certamente, para quem está no meio acadêmico, o maior desafio que tem é entender o que é brincar de ciência e o que é realmente a ciência, de modo que, surge a necessidade da alfabetização científica no ensino superior, algo que deveria ter sido ensinado desde o ensino básico (LOPES, 2003). A alfabetização científica é uma excelente ferramenta de inclusão social proporcionando que o sujeito possa tomar decisões mais críticas e ser mais consciente da sociedade na qual está imerso (CHASSOT, 2003).

A alfabetização científica é o objetivo fundamental e basilar do projeto de ensino intitulado “Meu Cientista Favorito”, coordenado pela Profª Marla Piumbini Rocha. O objetivo deste resumo é debater a importância que esse projeto teve na formação do primeiro autor, principalmente no ramo profissional escolhido, além de mostrar que é possível uma pessoa conhecer seus ídolos e que eles podem ser relevantes na sua vida e formação.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Primeiramente foi realizada a inscrição no projeto onde foi manifestado o nome do cientista ou educador que o aluno irá falar. Sendo assim, ao considerar as duas edições do projeto, foram dois escolhidos, um cientista e um professor, sendo eles respectivamente, Paulo Miranda Nascimento (Pirula) e Samuel Kabke da Cunha (Samuel Cunha). O próximo passo foi tentar contato através de e-mail, rede de contatos e redes sociais. Ambos foram entrevistados via chamada de vídeo, com duração de uma hora, onde a conversa transcorreu de maneira livre, entretanto, para ambos houve quatro perguntas que guiaram o objetivo do autor, sendo elas: “O que te fez escolher essa profissão?”, “Como vê essa profissão no

futuro?”, “Como teve certeza de que era essa a profissão que queria seguir?” e “Quais dicas você teria para quem quer seguir essa profissão?”.

A última etapa, foi a elaboração da apresentação e divulgação dos resultados da pesquisa, a qual foi compartilhada com os demais participantes do projeto, além de professores e outros alunos que quiseram assistir à apresentação. Esse momento proporciona uma troca de experiências edificadora com os colegas e professores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto foi imprescindível para a formação acadêmica tendo em vista que sempre carregamos a incerteza de qual área seguir, “bacharelado ou licenciatura?”. Um projeto que propicia entrar em contato com profissionais que admiramos dentro de nossas áreas é fundamental para a descoberta ou a certificação de que área seguir. O projeto “Meu Cientista Favorito” proporcionou a compreensão de que a vontade que eu tinha se tratava, na verdade, de uma certeza: a de ser educador.

Ter conversado com o Pirula, divulgador científico que assisto desde meus quatorze anos, foi uma experiência inenarrável, me ajudou a entender melhor o que é a ciência na prática e qual a importância da divulgação científica, porém, o mais importante foi ver que por mais admirável e incrível que seja ser pesquisador, não é o que desejo para minha jornada de trabalho.

A conversa com o Samuel Cunha, o qual acompanho desde meus tempos de vestibular e até hoje, foi incrível da mesma forma. Além de poder conversar com o profissional que inspira minha prática docente, surgiram oportunidades de parcerias, ideias e inspirações que proporcionarão projetos incríveis para a internet e para a sociedade. Minha admiração por ele só aumentou, o carinho, a atenção e a preocupação dele são inspiradoras e me dão força de continuar lutando por uma educação digna a todos.

Projetos como esse deveriam existir em outros cursos, com ampla divulgação para a comunidade acadêmica uma vez que são de extrema importância, afinal, dentro da academia aprendemos muito do campo intelectual e prático, mas muito pouco do campo profissional e ir atrás de exponenciais em atuação profissional é sempre enriquecedor para o aluno em formação.

Somado a tudo isso, a troca de experiências, a apresentação/“defesa” do trabalho que o projeto proporciona desde o início da graduação é muito importante para auxiliar e ensinar o aluno de como funciona a comunidade acadêmica.

Talvez o aspecto mais importante que essas vivências me proporcionaram tenha sido a certeza de querer ser professor, de entender que nenhuma experiência é individual e que se quero um futuro melhor, principalmente na educação, não posso esperar a chegada de um “salvador”. Eu preciso ser a mudança, e se cada pessoa for a mudança da sua realidade, da sua turma, da sua escola, no seu laboratório, na sua pesquisa o mundo se tornará um lugar melhor e digno a todos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social.** *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 91-93, 2003.

LOPES, A. C. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação.** *Revista Brasileira de Educação*, 2003.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.